



AS IDENTIDADES DISCENTES NO CONTEXTO DA CIBERCULTURA: REFLETINDO SOBRE AS IMPLICAÇÕES PARA O TRABALHO DOCENTE

Roberta Mirnas de Oliveira Gomes ¹

Jean Mac Cole Tavares Santos ²

RESUMO

O presente trabalho analisa a constituição das identidades discentes no contexto da cibercultura e suas implicações para o desenvolvimento do trabalho pedagógico do professor. A metodologia empregada conta com uma revisão bibliográfica que contempla alguns autores como Ribeiro (2015) e Levy (1999) que discutem sobre a cibercultura e suas demandas para o processo educativo. Hall (2005) e Bauman (2006) para contemplar a discussão sobre identidade. Serres (2013) que discorre sobre a geração que habita o virtual em rede, nomeada pelo autor de geração Polegarzinha. Além disso, como procedimento metodológico utilizaremos um questionário aplicado com três professores que atuam diretamente com alunos que constroem suas identidades na cibercultura. Os resultados do estudo evidenciam que as identidades não são fixas, únicas ou instáveis. O processo de transformação ocasionado pela imersão das tecnologias digitais nos diversos espaços sociais influencia na construção identitária dos sujeitos, necessitando aproximarmos cada vez mais das vivências dos nossos educandos, disponibilizar tempo para familiarizar-se com as tecnologias digitais, a fim de descobrir possibilidades de potencializar práticas educativas.

Palavras-Chave: Identidades discentes, Cibercultura, Práticas educativas.

INTRODUÇÃO

Vivemos hoje em uma sociedade condicionada pelo uso das tecnologias digitais, as quais estão presentes nas mais variadas situações de nosso cotidiano. Seja no trabalho, nos estudos ou no lazer, recorreremos às redes de internet tanto para nos comunicarmos, quanto para adquirirmos conhecimento e informações. Diante disso, atualmente viver em rede tornou-se um hábito necessário, uma vez que não há como fugirmos desse novo contexto que ocasiona em uma série de mudanças consideradas impactantes para os nossos antepassados. Esta nova cultura, marcada pelos usos das tecnologias digitais, é denominada de cibercultura.

No cenário educacional, a efervescência dos usos das tecnologias da informação e comunicação - TIC tem adentrado no espaço escolar através dos próprios alunos, nomeados por Santos (2010), de Geração net. Segundo a autora “a geração net vem exercendo uma multiplicidade de identidades nas comunidades virtuais, baseadas em interesses comuns que compõem, seja participando de chats, listas de discussão, fóruns, diários online ou até

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino – POSENSINO da associação entre a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Universidade Federal do Semi-Árido – UFERSA e Instituto Federal de Ciências, Tecnologia e Educação do Rio Grande do Norte – IFRN. robertamirnas@gmail.com;

² Professor Orientador: Doutor, Faculdade de Educação - UERN, macolle@hotmail.com.



praticando o cibersexo”. (p.70). Lemos (2002 *apud* Santos 2010 p. 70) complementa “o computador é a porta de entrada na tribo, onde os encontros físicos não são indispensáveis. [...]. A socialização se dá ainda em torno do computador e suas redes (p. 233). As redes potencializadas por diferentes formas de imersão favorecem que os sujeitos assumam diferentes identidades.

Assim, é evidente que os nossos alunos não são mais os mesmos de 20 ou 30 anos atrás. Em entrevista, Serres (2014) aponta essa diferença como consequência do acesso à informação

Hoje, quando eu entro em uma sala ou em um anfiteatro, muitos dos meus estudantes já digitaram na internet o tema do meu curso. Em consequência, há uma diferença entre os meus estudantes de hoje e os meus estudantes de 20 ou 30 anos atrás, e essa diferença está simplesmente no acesso à informação. O acesso à informação é hoje imediato, fácil e disponível a todo mundo pelas novas tecnologias, pela internet etc., de tal modo que nós não sabemos hoje que forma terão futuramente a escola, a universidade, os centros de pesquisas etc. Tudo isso simplesmente porque há uma movimentação de acesso à informação.

Desse modo, entendemos que alunos e professores se constituem como praticantes culturais na/da cibercultura, inseridos em maior ou menor grau em práticas interativas com os usos das tecnologias digitais em suas experiências e vivências cotidianas. Nesse sentido, a escola cabe o desafio de educar frente as demandas das identidades dos alunos/praticantes que atuam e interagem nas redes, e precisam construir competências necessárias no contexto digital, tais como: a busca e compartilhamento de conhecimento e informação com responsabilidade, autoria e autonomia.

Este trabalho foi realizado a partir de uma revisão bibliográfica paralela a um questionário aplicado com três professores da Educação Básica, estes atuam em duas escolas da rede estadual de ensino localizadas no município de Apodi, estado do Rio Grande do Norte. Portanto, buscaremos responder o seguinte questionamento: Como as identidades discentes construídas no contexto da cibercultura implicam no trabalho pedagógico do professor?

Para tanto, elencamos como objetivo principal analisar de que maneira a constituição das identidades discentes no contexto da cibercultura implica no trabalho pedagógico do professor da Educação Básica. E como objetivos específicos: discutir o contexto da cibercultura e suas demandas para as práticas pedagógicas escolares; compreender as identidades dos alunos praticantes da cibercultura.

O questionário aplicado foi composto por perguntas abertas com o intuito de identificarmos através das falas dos docentes suas percepções sobre as identidades discentes no contexto da cibercultura, as demandas no cenário da escola frente a esse contexto e como os



professores têm desenvolvido suas práticas cotidianas visando atender as identidades discentes nesse contexto.

Nosso aporte teórico contempla autores como Ribeiro (2015), Levy (1999) que discutem sobre a cibercultura e suas demandas para o processo educativo. Para contemplar a discussão sobre identidade recorreremos a Hall (2005) e Bauman (2006). Paralelo a isso, recorreremos a Serres (2013) que discorre sobre a geração Polegarzinha que habita no virtual em rede.

Os resultados do estudo apontam para influências da cultura mediada pelas tecnologias digitais na construção das identidades discentes. Tendo em vista que na cibercultura as identidades são construídas, também, nas redes de internet. Os discursos dos professores nesse estudo nos revelam de que modo as vivências praticantes dos estudantes nos ciberespaços, “espaço telemático habitado por seres humanos em processos de comunicação com a internet, atualmente acessível por dispositivos móveis” (SANTOS; RANGEL, 2020, p. 04), implicam em sua atuação docente. Os docentes associam que as transformações das identidades dos alunos em razão das TIC a algumas dificuldades enfrentadas no espaço da sala de aula, a saber: acomodação, desmotivação, dispersão e passividade dos alunos. Todavia, todos consideram as potencialidades das tecnologias digitais para o desenvolvimento de diferentes práticas de ensino.

Este trabalho organiza-se seguindo dois três principais. Inicialmente apresentaremos a metodologia empregada para o desenvolvimento deste trabalho. No segundo momento, procuraremos discorrer em diálogo com o nosso referencial teórico, sobre a cibercultura e formação de identidades dos sujeitos nesse contexto, trazendo à tona seus desafios para escola. Paralela a essa discussão, apresentaremos os resultados do estudo através das percepções dos docentes sobre as identidades dos alunos frente à cibercultura e suas influências para o processo educativo.

METODOLOGIA

Para compreender como se constituem as identidades discentes no contexto da cibercultura, optamos por realizar inicialmente uma pesquisa bibliográfica contemplando discussões de autores sobre cibercultura e identidades de sujeitos. Para Caldas (1986, p. 15) a pesquisa bibliográfica representa a “coleta e armazenagem de dados de entrada para a revisão, processando-se mediante levantamento das publicações existentes sobre o assunto ou problema em estudo, seleção, leitura e fichamento das informações relevantes”

Nesse sentido, nos aproximamos de autores como Ribeiro (2015) e Levy (1999) que discutem sobre a cibercultura e suas demandas para o processo educativo. Com isso, o nosso



estudo é realizado em diálogo com Hall (2005) e Bauman (2006) para contemplar a discussão sobre identidade. Serres (2013) que discorre sobre a geração que habita o virtual em rede, nomeada pelo autor de geração Polegarzinha.

Procuramos compreender através das percepções docentes como se configuram as identidades dos alunos na era digital e como isso tem refletido no espaço da sala de aula. Para tanto, elaboramos um questionário com perguntas abertas e selecionamos três professores para colaborarem com o nosso estudo. Tais docentes atuam na Educação Básica em turmas de 1º ao 3º ano do Ensino Médio.

Os docentes selecionados lecionam na mesma escola pertencente a rede estadual de ensino, localizada no município de Apodi – Rio Grande do Norte. Vale ressaltar que a escola é de médio porte, possui turmas de 6º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio. A escola possui laboratório de informática equipado com 10 computadores, dispõe de projetores, *notebooks* e sala de vídeo. Ou seja, os dispositivos tecnológicos estão disponíveis na escola para que sejam utilizados sob diferentes perspectivas de ensino

O professor F1³ possui graduação em letras português, concluiu o curso em 2008 e leciona na Educação Básica há oito anos. Já o professor F2 concluiu sua graduação em história no ano de 2001 e atua na Educação Básica há treze anos. No que se refere ao professor F3, este possui formação em geografia, em 2010 concluiu o curso e neste mesmo ano ingressou como professor na Educação Básica. Ressaltamos que esta pesquisa foi realizada no mês de novembro de 2019.

REFERENCIAL TEÓRICO

O contexto atual é marcado pelo uso das tecnologias digitais em várias atividades cotidianas dos sujeitos sociais. De diversos lugares, as pessoas se comunicam e estabelecem relações de interatividade. Como resultado, vivemos a era do desenvolvimento das linguagens digitais em rede, e por consequência, estamos favorecendo, cada vez mais, a produção de uma sociedade conectada que transforma o comportamento humano, a sua forma de ver, sentir e estar no mundo. A cultura contemporânea, associada às tecnologias digitais, criam uma nova relação entre a técnica e a vida social denominada de Cibercultura (SANTOS, 2011; LEMOS, 2013).

O termo cibercultura adquire visibilidade em meados da década de 80 com a expansão da rede mundial de computadores. Essa palavra nasce da junção dos termos cibernética e

³ Para assegurar o anonimato dos docentes participantes da pesquisa os identificaremos através dos nomes fictícios F1 e F2 e F3.



cultura. Um dos primeiros estudiosos da cibercultura foi o filósofo Pierre Levy, que nos faz refletir acerca dessa nova cultura na qual possibilita que os seres humanos ressignifiquem o seu cotidiano e construam conhecimento a partir da apropriação dos diversos artefatos tecnológicos autorais e interacionais; uma cultura enredada nos ciberespaços, “um novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também o novo mercado da informação e do conhecimento” (LEVY, 1999. p. 32).

A cibercultura está intimamente ligada às tecnologias digitais potencializadas pelo uso de dispositivos móveis, bem como pela utilização do computador. Santaella (2013, *apud* RIBEIRO, 2015, p. 45) define o computador como “uma máquina semiótica, uma máquina inteligente, com produtos inteligentes e capaz de focar simultaneamente na informação, no conhecimento, na comunicação e no entretenimento”. Nesse sentido, por integrar todos os meios de comunicação e informação anteriormente só possibilitado através de cartas, rádio e televisão, tal artefato permite basicamente novas configurações nos processos de expressões, aprendizagens e desenvolvimento cognitivo (SILVA, 2003). Ribeiro (2015) afirma:

Denominada cibercultura, esta forma de cultura da sociedade contemporânea é marcada pelo uso das tecnologias digitais em várias atividades cotidianas dos sujeitos sociais. A linguagem digital representa uma transformação na cultura humana, potencializando os processos de comunicação e produção da informação com uma rapidez e criatividade nunca antes experimentadas. (p. 43).

Frente a esse cenário, a escola enquanto participante ativa das transformações culturais de uma sociedade, precisa considerar que na cibercultura requer pensar, criar e colaborar na promoção de situações de aprendizagens paralela as vivências e experiências de sujeitos praticantes de uma cultura mediada pelo digital em rede (RIBEIRO, 2015). Portanto, as tecnologias digitais como computadores, *notebooks*, *tablets*, celulares, lousas digitais compõem a infraestrutura da atual sociedade.

Sob a influência das tecnologias da informação e da comunicação, as bases tecnopedagógicas do ensino começam a se transformar. As tecnologias digitais têm provocado mudanças profundas e permanentes nos processos de comunicação, produção e compartilhamento de saberes, inclusive ressignificando as identidades dos nossos alunos praticantes culturais de/na cibercultura. Essa nova geração é nomeada por Serres (2013) de Polegarzinha.

Essas crianças, então, habitam o virtual. As ciências cognitivas mostram que o uso da internet, a leitura ou a escrita de mensagem com o polegar, a consulta a Wikipédia ou ao Facebook não ativam os mesmos neurônios nem as mesmas zonas corticais que o uso do livro, do quadro negro ou do caderno. Essas crianças podem manipular várias informações ao mesmo tempo. Não conhecem, não integram nem sistematizam da mesma forma que nós, seus antepassados. (SERRES, 2013, p. 19)



A geração Polegarzinha, de acordo com Serres não possui mais a mesma estrutura neural, uma vez que a pesquisa pela internet e a escrita utilizando polegares acionam neurônios diferentes e que não são ativados através da escuta nas aulas e por meio da escrita em seus livros e cadernos. A Polegarzinha vive em um mundo cercado de informações, mas não precisa acumulá-las em sua mente, pois as encontram facilmente e as manipulam usando os seus polegares a qualquer momento.

É importante destacar que, ao contrário da geração passada, a geração Polegarzinha tem como característica principal a postura atuante e pensante na sociedade em que vive, consumidores e dependentes do conhecimento e da informação, o anonimato não os atrai mais. Estes preferem ser protagonistas do seu tempo e estarem nas redes opinando, questionando, compartilhando, ressignificando e inventando.

Candau (2005) afirma que

A escola é concebida como um centro cultural em que diferentes linguagens e expressões culturais estão presentes e são produzidas. Não se trata simplesmente de introduzir na escola as novas tecnologias de informação e comunicação e sim de dialogar com os processos de mudança cultural, presentes em toda a população, tendo no entanto maior incidência entre os jovens e as crianças, configurando suas identidades (p. 34).

Nesse viés, cabe a escola não apenas inserir as tecnologias digitais no seu cotidiano, mas também favorecer o diálogo frente a esses artefatos potencializadores novas aprendizagens que por si só já educam. Portanto, é necessário considerar que tais mudanças também têm afetado as identidades de estudantes que utilizam as redes para diversas finalidades.

As questões sobre identidades têm adentrado cada vez mais em diversos debates sociais. Tendo assim superado a ideia de que as identidades são determinadas pela natureza ou pela constituição genética, mas mostrando que as identidades são construções históricas e sociais. Dito isso, Hall (2015), nos instiga a refletir sobre a crise de identidade que ocorre na pós modernidade:

[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como sujeito unificado. Assim a chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (p. 9).

Dessa maneira, o argumento do autor mostra que as identidades não são fixas, únicas e instáveis. As estruturas da sociedade também implicam na constituição de nossas identidades, ou seja, as transformações provocadas pela imersão das tecnologias da informação e comunicação - TICS nos diversos espaços sociais provoca também mudanças nas identidades



dos sujeitos. Tal crise está presente na escola, uma vez que alunos e professores são parte desse contexto. Desse modo, suas identidades sofrem mutações, portanto suas identidades não são as mesmas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A complexa discussão sobre identidade está cada vez mais presente em estudos da psicologia e sociologia. Nesse viés, nos apropriaremos de estudos sociológicos para introduzir a discussão identitária. Bauman, sociólogo polonês que discute sobre o que denomina de modernidade líquida, alerta que nesse contexto há diversas possibilidades de escolha na constituição de identidades. Com isso, a construção da identidade é uma constante experimentação (FARIA; SOUZA, 2011).

Já o autor Hall (2006) discute identidades sob uma perspectiva de construção cultural “como aspectos de nossas identidades que surgem de nosso “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais” (FARIA; SOUZA, 2011, p.37). Hall considera que as configurações da nossa sociedade implicam nas identidades dos sujeitos “fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais”. (Hall, 2006 p. 9 *apud* Faria; Souza, 2011). Com isso, as identidades pessoais passam por modificações ainda mais em um cenário dominado pelo uso das tecnologias digitais em rede, onde permite que os indivíduos assumam diversas identidades.

Com base nas percepções de professores os quais atuam diretamente com os alunos praticantes na cibercultura, tal contexto implica na criação de um currículo que favoreça a inserção das novas tecnologias da informação e comunicação em função da potencialização das aprendizagens. Sabe-se que os sujeitos constroem seu conhecimento, sua cultura, nas vivências cotidianas que estabelecem com os outros sujeitos, com a comunidade escolar, com as mídias, com e em redes educativas multireferenciais. (RIBEIRO, 2015).

Desse modo, procuramos entender através das percepções docentes como se configuram as identidades dos alunos na era digital e como isso tem refletido no espaço da sala de aula. Nesse momento, iremos apresentaremos os discursos dos docentes construídos através do questionário aplicado..

O questionário aberto foi composto por algumas questões, a saber: 1) Você utiliza em sua prática em sala de aula alguma tecnologia digital? Qual? 2) Como você percebe as identidades dos alunos no contexto da cultura digital (cibercultura) 3) Em que medida essas



identidades implicam no seu trabalho pedagógico 4) Como você considera que as tecnologias digitais influenciam na mudança de identidades dos discentes?

Ao analisarmos as falas, percebemos que os três professores afirmaram que empregam algum tipo de tecnologia digital no cotidiano de suas aulas, o *notebook* foi citado por todos como principal artefato utilizado, além disso, tais sujeitos ainda destacam que utilizam o recurso data show para abordarem os conteúdos.

Quanto a segunda questão, todos os professores frisam de que maneira percebem as identidades dos seus alunos na cibercultura:

Os alunos dessa era digital tem mais facilidade de aprenderem novas coisas, porém eles estão acomodados. Querem tudo pronto, acham que apenas acessar a internet e responder uma atividade com o conteúdo que encontram na internet é suficiente. Além disso, nem sequer querem copiar da lousa, ligam a câmera do celular e tiram fotos. (PROFESSOR F1).

Essa nova cultura traz a possibilidade para os alunos assumirem papel proativo ao opinarem sobre diversos assuntos. Percebo que isso até ocorre nas redes sociais, que é o espaço preferido desses alunos, porém se tratando da sala de aula eles não assumem tanto esse papel se o professor não estiver sempre intervindo e solicitando sua participação. (PROFESSOR F2).

“Estão mais dispersos, impacientes e desmotivados”. (PROFESSOR F3).

Podemos perceber que estes docentes concebem as identidades dos alunos de maneira semelhante. Apesar de concordarem com as potencialidades das tecnologias aliadas ao processo de ensino-aprendizagem, tais docentes percebem acomodação, desmotivação, dispersão e passividade dos alunos no contexto da escola.

Baseado em tais percepções sobre as identidades dos alunos na cibercultura, procuramos entender em que medida as tecnologias digitais influenciam nas mudanças identitárias dos estudantes. Segundo os docentes:

As tecnologias digitais trouxeram como grande benefício o acesso rápido e fácil ao conhecimento. Isso tem influenciado nas identidades dos nossos alunos à medida que eles se limitam ao que está disponível na internet e não se permitem ir além, serem mais curiosos. (PROFESSOR F1)

A oportunidade de o aluno pesquisar e opinar nesse meio digital contribui com as mudanças na sua identidade. Antes isso era possível apenas as pessoas com boa condição financeira. Hoje são muitas possibilidades de acesso e isso influencia postura dos alunos em sociedade. Hoje o aluno tem voz mais ativa e pode expressar sua opinião assim que quiser. (PROFESSOR F2)

Conforme podemos observar, os docentes concordam que as identidades dos alunos mudaram no contexto da cibercultura, fato atribuído pelo acesso fácil e livre as informações e conhecimentos. Cabe ressaltar as possibilidades oriundas na cibercultura favorece na construção de um espaço escolar que permite diferentes vivências, posturas e oportunidade de



adquirir conhecimento. Todavia, percebemos nas falas que, apesar de tais possibilidades, a imersão dos alunos nas redes ainda tem sido limitada com isso, a utilização dos artefatos tecnológicos com finalidade educativa tem se figurado como um desafio para muitos professores.

Quando questionados como essas identidades construídas na cibercultura implicam no seu trabalho pedagógico, os professores F2 e F3 destacam

Implicam positivamente à medida que eles são mais desinibidos para opinarem e interagirem nas aulas, apesar do professor precisar os instigar a isso. Acredito que a escola precisa aliar cada vez mais as tecnologias em seu processo de ensino-aprendizagem, pois isso faz parte da vivência dos nossos alunos. Quando trouxe uma proposta de atividade para as minhas turmas do ano passado usando o celular como aliado na construção do saber percebi esse instrumento, que eles usam diariamente, permite a aprendizagens mais dinâmica, o aluno fica mais atraído e motivado”. (PROFESSOR F2).

Os alunos são mais limitados aquilo que encontram na internet. Muitas vezes nem problematizam, nem sequer pesquisam em fontes seguras. (PROFESSOR F3).

Como evidenciado no depoimento do professor F2 os educandos estão mais participativos nas aulas, mesmo que para isso precise de sua intervenção. O docente considera ainda que as tecnologias digitais contribuem para o desenvolvimento de práticas de ensino, elencando que propostas na quais insere tais artefatos permite que o processo de ensino-aprendizagem se torne mais dinâmico e atrativo. Já o docente F3 percebe uma limitação nas identidades dos estudantes, destacando que estes se restringem aquilo que encontra na internet, além disso frisa falta de problematização do conhecimento e de competência de buscarem em fontes mais seguras.

Frente as falas dos docentes recorremos a Nóvoa (2014) para entendermos o papel do professor na cibercultura. Em entrevista à Revista Pátio, o autor diz que:

É preciso compreender a importância do novo papel do professor. Os alunos têm acesso direto, individual, às informações que estão na teia (web), porém necessitam da mediação do professor para transformá-las em conhecimento e aprendizagem. É preciso colocar em prática uma verdadeira revolução na formação de professores. A situação atual é muito frágil e deficiente, tanto na formação inicial quanto na formação continuada.

Nesse sentido, o docente na cibercultura precisa assumir postura mediadora do processo, tendo em vista a oportunidade de os alunos terem acesso direto e individual a diferentes informações em diferentes locais, necessitando assim do professor para transformá-la em conhecimento. Cabe ressaltar que, em algumas falas, os professores frisam como entrave tal acesso a informação livre pelos alunos. Nóvoa (2014) nos instiga a refletir que a formação do



professor precisa englobar essa nova realidade, pois ainda existe fragilidades e deficiências nas quais necessitam ser superadas.

Outro aspecto que nos chama atenção no discurso de alguns docentes diz respeito ao fato de que o acesso fácil às informações pelos alunos têm influenciado na construção de identidades, constituindo-se assim como entrave no âmbito escolar. Para Ribeiro (2015, p. 157) “O acesso à informação, disponível quase que em qualquer tempo e lugar, via mobilidade e ubiquidade, muda completamente os sentidos da escola, que deixa de ser o lócus privilegiado da transmissão dos conteúdos acumulados historicamente”. Desse modo, é pertinente pensarmos que a disponibilidade das informações em diferentes espaços/tempo contribui com a democratização do conhecimento, além disso coloca a escola como espaço de construção de saberes e desmistificando concepções enraizadas de que a escola transmite e o alunos aprende.

Para D’Avila e Leal (2012, *apud* RIBEIRO, 2015, p. 53), “muitos usam as tecnologias cotidianamente fora do ambiente escolar, mas na prática pedagógica o nexos não se estabelece. As tecnologias ainda são vistas numa perspectiva instrumental, como recurso didático na sala de aula”. Assim sendo, a utilização instrumental não incorpora todas as potencialidades que os artefatos tecnológicos possuem, é preciso ressignificar o uso, ou seja, pensar estratégias para que o aluno desenvolva competências para utilizar esses artefatos além do que a técnica lhe oferece.

Nessa tessitura, educar frente as identidades construídas na cibercultura se constitui como um desafio no espaço escolar, tendo em vista as demandas e desafios oriundos desse contexto. É importante reafirmar que a escola, enquanto instituição que integra a sociedade, precisa contribuir com a ampliação de *saberes-fazeres* com o uso das tecnologias digitais e assim, fomentar práticas situadas com o *tempoespaço* da cibercultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como propósito analisar de que maneira a constituição das identidades discentes no contexto da cibercultura implica no trabalho pedagógico do professor da educação básica. Para o desenvolvimento desse trabalho, realizamos uma revisão bibliográfica, bem como aplicação de questionário com três docentes que atuam diretamente com alunos que habitam o virtual em rede.

Durante o estudo, encontramos alguns aspectos mercedores de destaque. O primeiro evidencia que as identidades não são fixas, únicas ou instáveis. O processo de transformação ocasionado pela imersão das tecnologias digitais nos diversos espaços sociais influencia na construção identitária dos sujeitos. Paralelo a isso, na cibercultura as identidades discentes são



construídas também nas redes, sendo considerado um grande desafio para docentes que estão se incluindo agora nessa nova realidade ou até mesmo para aqueles que ainda resistem e desconsideram as demandas advindas desse cenário.

Através das falas dos docentes, foi possível constatar que as identidades dos alunos construídas na cibercultura implica no desenvolvimento do seu trabalho pedagógico. Os docentes associam que as transformações das identidades dos alunos em razão das TICS a algumas dificuldades enfrentadas no espaço da sala de aula, a saber: acomodação, desmotivação, dispersão e passividade dos alunos. Todavia, todos consideram as potencialidades das tecnologias digitais para o desenvolvimento de diferentes práticas de ensino.

Por fim, vale ressaltar a análise sobre identidades, cibercultura e tecnologias digitais no âmbito da escola nos fez perceber quem são os alunos/praticantes da cibercultura, como se comportam, o que os atrai, como pensam e aprendem. Com isso, os professores têm vivido/sentido dilemas e desafios no desenvolvimento de práticas que dialoguem com as identidades desses sujeitos e as demandas da educação nesse contexto. É fundamental, no entanto, aproximarmos cada vez mais das vivências dos nossos educandos, disponibilizar tempo para familiarizar-se com as tecnologias digitais, a fim de descobrir possibilidades de potencializar as aprendizagens, podendo criar novos espaços de aprendizagem capazes de instigar seus alunos a construir novas formas de raciocinar e de se relacionar com saberes plurais e heterogêneos.

REFERÊNCIAS

Bauman, Z. (2005). *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

BACKES, José Licínio; PAVAN, Ruth. **As identidades dos alunos em tempos de cultura digital: a percepção dos professores de educação básica**. *Faeeba*, Salvador, v. 23, n. 42, p.219-227, dez. 2014. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/1043/721>>. Acesso em: 28 maio 2018.

CALDAS, Maria Aparecida Esteves. **Estudos de revisão de literatura: fundamentação e estratégia metodológica**. São Paulo: Hucitec, 1986.

FARIA, Ederson de; SOUZA, Vera Lúcia Trevisan de. **Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores**. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572011000100004 > Acesso em 25 de out. 2019.

Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade* (11ª. Edição). São Paulo: DP&A.



LÉVY, P. Ciberultura. Rio de Janeiro, 1999. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/11036046/Ciberultura-Pierre-Levy>. Acesso em: 30 de ago. 2019.

MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo Diferenças culturais e práticas pedagógicas. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. Disponível em: https://educarparaomundo.files.wordpress.com/2016/07/moreira-candau_multiculturalismo-diferenc3a7as-culturais-e-prc3a1ticas-pedagc3b3gicas.pdf. Acesso em 15 de out. 2019.

NÓVOA, Antônio. Entrevista: nada será como antes. O futuro da sala de aula. **Pátio**. Revista pedagógica, Porto Alegre: Artmed, v.4, n 72, nov.2014.

RIBEIRO, M. R. F. **A sala de aula no contexto da cibercultura:** formação docente e discente em atos de currículo. 2015. 207 f. - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

SANTOS, Edméa Oliveira dos. **Educação online:** cibercultura e pesquisa-formação na prática docente / Edméa Oliveira dos Santos. – 2005. 351 f.

SANTOS, Edméa. O caminhar na educação [recurso eletrônico] : narrativas de aprendizagens, pesquisa e formação 1 / Edméa Santos, Leonardo Rangel. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

SERRES, M. Educação e Contemporaneidade em Michel Serres. Campinas, 2015. Entrevista concedida a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP.

SERRES, M. **Polegarzinha:** uma nova de viver em harmonia, de pensar as instituições, de ser e de saber. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro. 2013.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa.** Rio de Janeiro: Quartet, 2003.